

# *diálogos*



## *no espaço democrático*

### **AGRESSIVO E VAZIO, IDENTITARISMO ATRASA O PAÍS**



Conversa com  
**CARLOS SÁVIO GOMES TEIXEIRA**  
Doutor em Ciência Política  
pela USP, professor na Universidade  
Federal Fluminense





**diálogos no espaço democrático** são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD



Para assistir ao vídeo,  
aponte a câmera do celular  
para este código

## MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS MONOPOLIZAM O DEBATE POLÍTICO, MAS NÃO APRESENTAM SOLUÇÕES

**A** monopolização do debate intelectual pelo identitarismo, observada nos últimos anos, é um desserviço ao País, pois, apesar de defender causas que têm valor, os militantes identitários deixam em segundo plano questões muito mais importantes, como a busca de um projeto nacional, que estabeleça metas e modos para que o Brasil se torne uma nação mais justa, eficiente e moderna.

A opinião é do cientista político **Carlos Sávio Gomes Teixeira**, entrevistado em abril de 2024 no programa “Diálogos no Espaço Democrático” - produzido pela fundação de estudos e formação política do PSD. De acordo com ele, o radicalismo e a agressividade dos defensores das questões de gênero e raça vêm “envenenando” as relações políticas e inclusive favorecendo a ascensão de líderes extremistas, especialmente de direita.

O programa, que pode ser assistido na página do Espaço Democrático no Youtube (<https://youtu.be/GAmVFcfrSTc>), foi conduzido pelo jornalista **Sérgio Rondino** com a

participação dos cientistas políticos **Rogério Schmitt e Rubens Figueiredo**, do sociólogo **Tulio Kahn** e da secretária nacional do PSD Mulher, **Ivani Boscolo**.

Doutor em Ciência Política pela USP e professor associado do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, Carlos Sávio tem mestrados em Ciência Política pela USP (2004) e em Comunicação, Imagem e Informação, obtido na UFF.

Com todo esse percurso pelo meio acadêmico, ele diz que é falsa a ideia de que a maioria dos intelectuais e professores de universidades comungam as mesmas propostas e atitudes dos militantes das questões de gênero e raça. “A maior parte dos acadêmicos torce o nariz para o identitarismo, mas os militantes dessa causa são mais agressivos na tentativa de impor suas ideias, sempre muito falantes, gritantes, com certa sanha fascista. Assim, a maioria opta pelo silêncio, porque teme represálias”, conta ele.

Este caderno contém a íntegra daquele diálogo. Boa leitura.



**Rogério Schmitt, Sérgio Rondino,  
Carlos Sávio Gomes Teixeira, Rubens Figueiredo**

**Sérgio Rondino** - O programa *“Diálogos no Espaço Democrático”* vai tratar hoje das chamadas bandeiras identitárias - de raça, gênero etc. -, que têm gerado incontáveis polêmicas no Brasil e no mundo. Para alguns críticos, elas são apenas outra forma de luta pelo poder, de ocupação de espaços a partir da tribalização da sociedade. Será? Vamos conversar sobre isso com **Carlos Sávio Gomes Teixeira**.

Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), ele é professor associado no Departamento de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, onde coordena o Laboratório de Alternativas Institucionais. Bacharel licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, Carlos Sávio tem dois mestrados, um em Ciência Política pela USP e outro em comunicação, imagem e informação obtido na Universidade Federal Fluminense. Professor Carlos Sávio, obrigado por atender ao nosso convite, seja bem-vindo ao Espaço Democrático.

**Carlos Sávio** - Obrigado.

**Sérgio Rondino** - Participam também desse programa os cientistas políticos **Rogério Schmitt** e **Rubens Figueiredo**, consultores aqui do Espaço Democrático. Estarão conosco, ainda, o cientista social **Tulio Kahn** e a secretária nacional do PSD Mulher, **Ivani Boscolo**, que enviaram perguntas por vídeo.

Professor, o identitarismo tem sido pauta permanente na mídia - e põe permanentemente nisso. Dá para dizer que ele está monopolizando o debate?

**Carlos Sávio** - O identitarismo tem duas dimensões. Uma que poderíamos chamar de intelectual e uma política. Elas estão profundamente articuladas, integradas. E falando um pouco, primeiro, dessa dimensão intelectual, eu diria que ela é resultado de uma degeneração pela qual vem passando, de maneira geral, a inteligência contemporânea. O mundo intelectual vem passando por uma crise que é vinculada especialmente ao campo dos chamados progressistas, ao campo da esquerda, onde o identitarismo grassa, onde dá realmente as caras hoje. Onde, como você disse, monopoliza, em grande parte, o debate público.

É resultado de uma crise, como eu dizia, que está vinculada a um duplo acontecimento. O desmoronamento do mundo socialista. Até os anos 1990, a política do século 20 foi organizada em torno de dois polos: um liberal capitalista e um socialista-marxista. Esses polos tinham uma dimensão, por assim dizer, explicativa da História, das sociedades, das culturas, e um programa político. No caso do polo liberal, o programa era o capitalismo e suas variações institucionais em torno do mercado, da organização do Estado e tal. E no campo do marxismo, da esquerda, o programa era o socialismo-comunismo.

A partir dos anos 1990, com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética, isso desapareceu do mapa. E esse campo, esse polo que eu chamo da esquerda, ficou desorientado. Na minha opinião, na minha avaliação, está desorientado até hoje. E no vácuo dessa desorientação é que surgiu esse movimento chamado de identitarismo, que não é uma corrente teórica, não é um movimento social, é, na minha avaliação e de um parceiro, um colega, **Thiago Medeiros** - a gente escreveu, inclusive, um texto bastante lido sobre isso, contra a mediocridade, contra o identitarismo -, uma corrente de opinião. Identitarismo é uma corrente de opinião que, como você muito bem disse, vem monopolizando o debate dos que se consideram progressistas nos meios de comunicação de maneira geral e também nas mídias sociais e numa parte considerável da universidade, especialmente na área de Ciências Humanas, Ciências Sociais - em outras áreas um pouco menos, mas também já tendo algum tipo de reverberação.

E algumas ideias do identitarismo são chave nesse processo de tentativa de monopolização do debate. Duas delas dizem respeito à maneira como os identitários se definem, como se imaginam, que é a ideia de representatividade, ideia muito cara. A estrutura da sociedade não é transformada, então eu vou, dentro dessa estrutura que é cheia de iniquidades, desigualdades, injustiças, colocar os grupos que são minoritários e que são os mais sofridos, os mais oprimidos, em posição de representação. Vou colocar, supostamente, o negro em destaque; vou colocar a mulher em destaque; vou colocar o homossexual em destaque. E com esse destaque, com essa representatividade, vou chamar a atenção para os supostos problemas, as agruras que esses grupos, esses indivíduos, sofrem.

O problema dessa representatividade é que ela não altera o fundo causal dos problemas que a grande maioria dessas pessoas - negros, mulheres e homossexuais - sofrem, porque isso não está vinculado à identidade deles, como o identitarismo imagina. Está identificado à estrutura da vida social. Por exemplo, aqui no Brasil, há a ideia de racismo estrutural. É uma ideia, a meu juízo, absurda. Para ilustrar o absurdo disso eu dou um exemplo pessoal. Eu sou professor da Universidade Federal Fluminense, e fui aluno da Universidade Federal Fluminense. Portanto, estou na UFF há mais de 30 anos. Ao longo desses 30 anos, pelo menos no campus onde estudei e trabalhei, nunca vi um único ato de racismo. É claro que é um lugar especial, mas é um lugar da estrutura da vida social brasileira. É uma universidade pública. Quer dizer, centenas, milhares de pessoas passaram pela UFF nesse período e não sofreram racismo num momento decisivo e marcante de sua vida social e cultural, da formação intelectual, da formação profissional.

Com isso, eu não estou dizendo também que não exista racismo na sociedade brasileira. É claro que existe racismo na sociedade brasileira, mas ele não

é estrutural no sentido de que é um projeto para manter de forma subalterna os negros no Brasil.

Então, esse tipo de questão ilustra, do ponto de vista intelectual, essa problemática do identitarismo. Uma outra questão, que também no vocabulário identitário aparece com muita frequência, é a ideia de resistência. Os identitários não têm um projeto alternativo para as sociedades onde eles estão militando, onde estão atuando, fazendo seu ativismo. Então, é a ideia de representatividade de um lado e a ideia de resistência de outro. Vamos resistir. Resistir à dominação, resistir à opressão, que no vocabulário identitário são os grandes males das sociedades contemporâneas. Essa resistência, esse binômio resistência e representatividade, joga por terra aquilo que sempre pautou tanto liberais quanto socialistas, do ponto de vista programático, que é a transformação. Quer dizer, tanto liberais quanto progressistas, desde o século 19, têm projetos para identificar primeiro os problemas, como a desigualdade social, por exemplo, e programas para enfrentar esses problemas estruturais, organizacionais, econômicos, políticos, sociais e culturais. Os identitários não. Os identitários têm um projeto de apontar o dedo, gritar, berrar, desfalcados completamente de uma alternativa em relação a esses problemas que são identificados como problemas centrais.

E aí há também um terceiro problema que eu evoco, de natureza intelectual - já passando para a dimensão política -, que é a ligação dessas narrativas "conflitivistas", "pan-conflitivistas", com o universo da política institucional e, especialmente, das políticas públicas. Então, para um identitário, de maneira geral - fazendo uma generalização - é como se o problema da saúde pública no Brasil, o problema da educação pública no Brasil, o problema da Previdência Social no Brasil, o problema tributário no Brasil, estivessem vinculados com o racismo, machismo e intolerância ao gay. Todos esses problemas, evidentemente, são problemas aos quais a gente deve dar



atenção. Mas do ponto de vista das políticas públicas são questões absolutamente secundárias.

Quer dizer, os grandes problemas do Brasil, estruturais, não têm a ver com essas questões identitárias. Eu gosto muito de usar este exemplo porque é muito claro. Se nós não tivéssemos machismo no Brasil, a saúde pública do Brasil estaria da mesma forma, a educação pública estaria com os mesmos problemas, a Previdência Social estaria com os mesmos desafios e o problema tributário brasileiro seria colocado da mesma maneira. Então, acho que - sendo muito direto, muito franco - o identitarismo é um desserviço ao debate público brasileiro. Não só brasileiro, mundial. E é uma sequela dessa crise que eu falei inicialmente, que identifico no pensamento contemporâneo, já bastante aguda, e cujas consequências políticas são esse desfocamento dos pro-

blemas reais e das discussões de suas alternativas.

E, ainda colateralmente, como nós temos observado em muitas democracias contemporâneas - e o Brasil é um dos laboratórios para esse aspecto que eu vou me referir agora -, incentivando as chamadas guerras culturais, que têm sido o palco através do qual os extremos têm se digladiado na política contemporânea. Foi assim nos Estados Unidos, com a ascensão e a eleição, e agora o retorno do **Donald Trump**, foi assim no Brasil também, com a emergência e a instalação na vida pública brasileira do bolsonarismo. E em vários outros países democráticos o identitarismo e suas pautas, especialmente o seu *modus operandi*, tem sido a grande alavanca para a instrumentalização de guerras culturais. E essas guerras culturais viram, na verdade, um grande veículo para a ascensão dos extremis-



A TESE QUE EU DEFENDO, PORTANTO, É DE QUE OS PROBLEMAS REIVINDICADOS PELO IDENTITARISMO, COMO RACISMO, MACHISMO, INTOLERÂNCIA EM RELAÇÃO À OPÇÃO SEXUAL, SÓ PODEM SER, DE FATO, ENFRENTADOS E ENCAMINHADOS NO BOJO DE UM PROJETO MAIS AMPLO DE TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA. E NÃO COM A TRIBALIZAÇÃO, A GUETIZAÇÃO DESSES TEMAS.

O IDENTITARISMO, NA MINHA AVALIAÇÃO, PORTANTO, PRESTA, INCLUSIVE, UM DESSERVIÇO A ESSAS PAUTAS ESPECÍFICAS, QUE TÊM O SEU VALOR, TÊM O SEU LUGAR.

tas. Na maioria das vezes, esses extremistas são de direita, como no caso dos Estados Unidos, do Brasil e em outros países democráticos contemporâneos. E isso tem uma implicação política muito grave, na minha avaliação, porque distorce ainda mais um dos grandes problemas políticos da modernidade, que é a relação entre minorias e majorias.

A minha tese é de que o paradigma de transformação nas sociedades modernas e contemporâneas, o paradigma das transformações fecundas, as transformações que levam à solução dos problemas enfrentados pelas sociedades, é sempre um paradigma que combina uma política de elite, de ter que parar com a fantasia de que você vai ter política sem elite, sem governante, sem relação governante-governado. Desde **Maquiavel**, **Max Weber**, todos os grandes pensadores realistas conceberam essa relação entre governante e governado. Então, parar com a fantasia de

que nós não vamos ter uma elite... A questão é a qualidade da elite. O que a gente deve sempre é questionar e lutar por uma elite que tenha qualidade, que tenha a capacidade de diagnosticar os problemas e apresentar soluções, alternativas para aqueles problemas.

Então, o identitarismo e as guerras culturais ainda envenenam mais ainda essa relação, dificultando para as majorias a identificação, no mercado político, por assim dizer, nas democracias, nas eleições, aqueles que, de fato, representam pautas que interessam a essas majorias e que, ao interessar a essas majorias, podem também ajudar a solucionar alguns problemas das minorias.

A tese que eu defendo, portanto, é de que os problemas reivindicados pelo identitarismo, como racismo, machismo, intolerância em relação à opção sexual, só podem ser, de fato, enfrentados e encaminhados no bojo de um projeto mais amplo de

transformação da sociedade brasileira. E não com a tribalização, a guetização desses temas.

O identitarismo, na minha avaliação, portanto, presta, inclusive, um desserviço a essas pautas específicas, que têm o seu valor, têm o seu lugar. A fecundação dessas pautas, no sentido do encaminhamento dos problemas que elas trazem, só pode ser feito no bojo de um projeto mais amplo, um projeto universal, como foram os projetos dos liberais e dos socialistas clássicos. Você tem que ter uma visão geral sobre a sociedade e o rumo que essa sociedade vai tomar politicamente.

Então, respondendo a essa primeira indagação sua, eu diria duplamente que, primeiro, o identitarismo tem, de fato, infelizmente, monopolizado o debate público brasileiro e que isso é muito ruim.

**Sérgio Rondino** - Perfeito. Rubens Figueiredo, vamos começar por você?

**Rubens Figueiredo** - Essa primeira panorâmica que você deu é muito interessante. Eu queria chamar a atenção para dois pontos. O identitarismo, da maneira que ele vem, numa avalanche, cansa. E o que me chama a atenção, primeiro, é a qualidade do debate, tanto dos intelectuais como das lideranças que representariam essa massa de fragilizados. Eu tenho a impressão, às vezes, que com 30 frases você consegue fazer um artigo sobre identitarismo. Você lê durante um mês umas 80 vezes essas 30 frases. Então, é a repetição de um debate absolutamente sem qualidade que, na minha opinião, só patina e não avança. Depois, eu queria que você fizesse um comentário, porque uma coisa é você ter as lideranças dos ativistas, outra é a massa dos representados, dos que sofrem preconceito.

Eu gostaria que você comentasse se não existe um gap, uma distância monumental entre o ativismo radical, radicalizante, e a massa do movimento, entre aspas, que eles dizem representar.

**Carlos Sávio** - Perfeito, Rubens. Eu até escrevi aqui, desconexão. Mas você, em grande medida, ao entabular a pergunta, já respondeu. Na medida em que o ponto central, nesse aspecto que você falou, é essa desconexão, esse gap. Quer dizer, a maioria dos negros no Brasil não enxerga os seus principais problemas pela ótica identitária. A maioria das mulheres brasileiras não enxerga os seus problemas, que são reais e graves, pela ótica das feministas. Então, há uma desconexão, eu diria quase que completa, entre a agenda e, portanto, o diagnóstico, e a terapia, que não existe. Mas o que seria uma suposta terapia, que é o panconflitivismo e o que as pessoas, supostamente representadas aspiram, desejam?

Então, do ponto de vista da ligação entre a dimensão intelectual e a dimensão política, esse é o traço mais característico do identitarismo não só no Brasil, mas no Brasil ainda é mais grave do que em outros países porque, para usar um termo de **Darcy Ribeiro**, o Brasil está com os seus intestinos à mostra. Quer dizer, a gente tem problemas que outros países já encaminharam há 50, 70 anos. E nós não. Então, me parece uma charada, realmente, entendeu? E aí entra um aspecto que eu tenho destacado, que também ilustra isso. O principal contraponto hoje, concreto, ao identitarismo no Brasil são os movimentos neopentecostais evangélicos. Que, ao contrário dos identitários, tem uma conexão forte com a massa de negros, a massa de mulheres pobres. Tem penetração social, tem vocabulário que atrai essas pessoas - que eu, particularmente, sou crítico desse vocabulário, também não apresenta uma alternativa, não tem uma visão de Brasil e tal, mas, pelo menos, tem uma conexão. O que falta ao identitarismo sobra nos evangélicos neopentecostais, que é essa conexão com a massa pobre.

E é uma conexão que tem dois resultados, na minha avaliação. E esses resultados eu diria que são positivos. O primeiro é aquilo que eu chamaria de

uma espécie de liberalismo para as massas. A maioria das mulheres pobres e a maioria dos negros, mestiços e brancos pobres que frequentam essas igrejas evangélicas recebem uma injeção moral no sentido do seu soerguimento, da sua capacidade de autoconstrução, da melhoria da sua autoimagem, da sua estima, entendeu? É um laboratório de lavagem moral para essas pessoas pobres. É, talvez, a única experiência delas, ou a primeira grande experiência delas, sem a humilhação e sem o bloqueio com outras instituições.

A massa pobre no Brasil tem uma experiência institucional de bloqueio e humilhação. Com esse universo das igrejas evangélicas, não. Há estudos que mostram que não há instituição a empoderar mais as mulheres do que essas igrejas evangélicas, onde elas têm papel de destaque.

Então, eu diria que, respondendo precisamente à sua pergunta, há um *gap*, há uma desconexão completa entre o imaginário identitário e das elites identitárias - que são pessoas da elite, elite intelectual, jornalista, professor, universitário e tal, mas que não se veem como elite, paradoxalmente - e a massa que, em nome de quem ela supostamente fala. Quer dizer: os identitários não falam em nome dos pobres, dos negros e das mulheres brasileiras. Essa me parece uma assertiva muito clara.

**Sérgio Rondino** - Obrigado, professor. Vamos ao Rogério, então?

**Rogério Schmitt** - Sávio, a minha pergunta, na verdade, é uma curiosidade de alguém que já fez parte do meio acadêmico e que está atualmente trabalhando em uma outra área. Como esse tema do identitarismo tem sido abordado dentro da universidade? Nas diferentes áreas - você mencionou aí essa ênfase dentro das ciências humanas, sociais, mas me parece também que o interesse por esse tema tem aumentado e tem surgido muitos

estudos de diferentes perspectivas. Você mesmo, salvo engano, foi um dos autores que escreveu naquela obra coletiva organizada pelo **Antônio Risério**, acho que em 2022. Se não me engano, ela tem mais de 20 autores que escreveram sobre o tema. Será que dá para fazer um panorama de como esse tema está surgindo no meio acadêmico brasileiro?

**Carlos Sávio** - Ótima pergunta, Rogério. Eu diria o seguinte: a maioria dos professores, pesquisadores, acadêmicos nas universidades brasileiras torce o nariz, por assim dizer, para o identitarismo. O identitarismo não é majoritário mesmo na área de ciências sociais e ciências humanas, ele é minoritário - mas uma minoria ampliada, são numerosos, mas são muito violentos, com a política do cancelamento, a política da lacração, o achincalhamento público. As redes sociais ajudaram também, são um meio que incentiva esse tipo de coisa, não é mais o contato face to face, estamos separados pelo computador. As pessoas ficam mais alvorçadas para atacar, para criticar e tal, mas eu diria que a maioria torce o nariz, mas aí é o problema da complacência, o silêncio, porque tem medo de comprar uma briga com essa minoria raivosa, muito falante, muito gritante.

O Antônio Risério, em um livro, diz claramente: não são todos identitários, mas uma boa parte deles têm uma sanha fascista. Então, a maioria dos acadêmicos não compartilha das teses identitárias porque realmente muitas das teses identitárias são absurdas, mas ao mesmo tempo fica no silêncio porque teme represálias.

Então, eu diria que esse é o efeito mais nocivo dentro da academia, dos resultados dessa prática identitária que passou a vingar aqui no Brasil a partir dos anos 2000. E é uma importação direta, e muitas vezes uma emulação, em alguns temas, do tipo de identitarismo que se pratica, por exemplo, na academia dos Estados Unidos.



foto: StockSnap\_Pixabay

Tem um outro livro muito interessante, do cientista político **Marco Lila**, já publicado aqui no Brasil, em que ele faz um relato muito realista e sensato a respeito da natureza da influência do identitarismo no Partido Democrata americano, e qual o peso disso na derrocada do Partido Democrata na eleição que sufragou **Donald Trump** presidente. É muito interessante porque tem a ver com a universidade. Ele diz que o Partido Democrata substituiu, fundamentalmente, as suas lideranças intelectuais, que eram ligadas ao mundo dos sindicatos e ao mundo do trabalho, por lideranças ligadas ao mundo da universidade. E que isso foi corrosivo, isso foi absolutamente terrível para a agenda, propriamente dita, do Partido Democrata. Porque passou a ter uma perspectiva - com o **Joe Biden** diminuiu um pouco - identitária de homenagens inócuas, segundo

Lila, a essas minorias e que foi progressivamente irritando as majorias na medida em que as majorias nos Estados Unidos, principalmente a de pobres e brancos, vinha sofrendo uma série de problemas econômicos para os quais o Partido Democrata não tinha nenhuma resposta. O discurso deles era voltado para as minorias. O resultado foi que Donald Trump conseguiu arrebanhar, inclusive em muitos Estados que historicamente eram ligados ao Partido Democrata, uma porção de eleitores.

Então, eu diria que do ponto de vista do contexto universitário, o traço mais importante, mais relevante na minha avaliação, é o silêncio complacente com que a maioria dos acadêmicos convive com o identitarismo. Porque a maioria dos meus colegas na área de ciências sociais, por exemplo, considera o identitarismo um desvario. Embora os



temas que o identitarismo quer representar sejam importantes, sejam relevantes. A maneira pela qual o identitarismo faz é que torna esses temas absurdos, absolutamente inconsequentes. Então, do ponto de vista universitário, esse me parece ser o quadro.

Outras vozes vêm se insurgindo crescentemente, porque aí é uma questão de dialética. O identitarismo começa mais ou menos no final dos anos 1990, início dos anos 2000. E a década de 2010 é onde ele experimenta uma espécie de consolidação, um monopólio. Aí a reação também passou a aumentar. Você hoje vê muitos críticos da perspectiva identitária. Tem um ensaísta aqui do Rio, **Francisco Bosco**, inclusive filho do **João Bosco**, artista, que tem escrito textos, ensaios, um deles muito interessante, que eu recomendo para os nossos telespectadores aqui, que é *A vítima tem sempre razão*. É um livro espetacular, muito bem escrito e leve, o grande público pode ter acesso. E tem também a coletânea do Antônio Risério. Outras vozes vêm se levantando contra especialmente o caráter autoritário do identitarismo. Essas vo-

zes não querem calar os identitários, querem só que o debate público seja plural, civilizado.

Uma dimensão intelectual do identitarismo, que eu acabei não falando na primeira resposta, que é muito importante, é a moralização de tudo, entendeu? Tudo é como se fosse um jogo entre mocinhos e bandidos. Quem não está do lado identitário é um bandido, é um criminoso, é uma pessoa que não tem nenhum tipo de valor, e isso é um absurdo do ponto de vista intelectual e do ponto de vista político. É altamente autoritário. A diversificação de vozes é algo absolutamente fundamental para o debate.

**Sérgio Rondino** - Professor, não seria exatamente por isso que a patrulha funciona? Medo de receber a alcunha de fascista, ou direitista, ou nazista...

**Carlos Sávio** - Perfeito. É exatamente isso. Antes de tudo, é um empobrecimento incrível. Um empobrecimento do debate geral e da discussão das alternativas em relação aos vários problemas que são colocados. É uma coisa terrível do ponto de vista intelectual e do ponto de vista político. E eu não vou me furtar a dizer... Não, eu falo isso com tristeza porque eu tenho muitos colegas, e alguns até amigos que são ligados a partidos políticos, que dão guarida a isso. O mais estridente partido político que dá guarida a isso é o PSOL, que nasceu de uma sequela do PT, inclusive, se dizendo um partido do socialismo, da liberdade, e dá vazão a esse tipo de prática absolutamente antidemocrática no debate público, nas universidades e no jornalismo.

Então, acho que a tendência agora, entretanto, e eu vejo isso não só no Brasil, mas no mundo inteiro, é de uma reação crescente, no plano intelectual, a essa perspectiva identitária. Ela ainda tem fogo para queimar um pouco, mas já, já, vai começar a entrar em decomposição, em declínio, porque as suas bases são muito frágeis.

**Sérgio Rondino** - Ação e reação, efeito contrário começa a se manifestar. Professor, vamos ver agora a pergunta que nos foi enviada pela nossa senadora suplente e também secretária nacional do PSD Mulher, Ivani Boscolo.

**Ivani Boscolo** - Boa tarde, um prazer recebê-lo aqui no Espaço Democrático e ouvi-lo. Tenho incentivado as mulheres a participarem da política, do associativismo e do empreendedorismo. Apesar de defender todas essas pautas, eu não apoio atitudes radicais. Sou contra isso. Então, a minha pergunta para o senhor é a seguinte: qual a medida certa para defender o identitarismo de tal maneira que o individual não prejudique o coletivo? Qual o acerto deste termômetro para que não se estimule de alguma forma as polaridades entre o grupo e a coletividade?

**Carlos Sávio** - Eu diria que um dos temas que a doutora fez referência na fala dela é fundamental, que é a questão do empreendedorismo no Brasil. O Brasil é um dos países no mundo que lidera nessa seara. E o papel das mulheres nisso, em vários ramos de negócios, assume também uma proeminência. Então, a qualificação desse universo feminino para o empreendedorismo é, por si só, do ponto de vista da agenda, um recurso que já ajuda a soerguer essas mulheres, a emponderá-las. E, em segundo, mudar em grande medida a lógica da economia brasileira, no sentido mais amplo, para a facilitação de pequenos e médios empreendimentos.

A maioria dos trabalhadores brasileiros economicamente ativos, hoje, se situa no universo onde operam as micro, pequenas e médias empresas. É nesse espaço, primordialmente, que o caminho para o empoderamento das mulheres deve se dar.

Então, mudanças na legislação, mudanças institucionais que propiciem esse casamento entre a qualificação da mulher e a abertura de espaço

econômico para as suas iniciativas, os seus empreendimentos, me parece ser a principal ação para diminuir o gap entre a posição relativa da mulher no mercado de trabalho brasileiro e os homens.

Eu acho que esse tipo de iniciativa é muito mais consequente e produtivo do que o discurso raivoso e avinagrado contra o machismo, que existe e que deve ser combatido, evidentemente. Mas as ações práticas e institucionais são mais importantes do que esse discurso, como eu disse, raivoso, de que o homem é culpado por todos os problemas das mulheres.

**Sérgio Rondino** - A próxima pergunta veio do nosso cientista social, especialista em segurança, que é o Tulio Kahn.

**Tulio Kahn** - Professor Sávio, é um prazer tê-lo aqui conosco. Eu vi recentemente uma entrevista sua na *Folha de S. Paulo* falando sobre o crescimento dos evangélicos nas últimas décadas, como eles têm obtido representação no Congresso, mas que eles não teriam um projeto de nação. Então me pergunto: hoje em dia, que grupo tem esse projeto de nação? Porque a gente vê também o crescimento de outras bancadas - da bala, dos agricultores, enfim. Que grupo social hoje tem esse projeto? Os empresários têm? Os agricultores? Os partidos políticos? De onde viria esse projeto de nação que nós já tivemos no passado?

**Carlos Sávio** - O professor Tulio faz uma pergunta se referindo a uma intervenção de algumas semanas atrás, no Instituto de Estudos Avançados da USP. Fiz uma palestra intitulada *O Brasil inteiro, diversidade e cooperação*. E nessa palestra eu fiz um conjunto de observações sobre os evangélicos neopentecostais, que são o acontecimento social e sociológico mais importante do Brasil nas últimas

quatro décadas - a ascensão desses evangélicos, que no início dos anos 1980 eram menos de 10% da população brasileira, hoje perfazem mais de 35% e as projeções são que em 2050 eles vão ultrapassar os católicos.

Eu dizia que esses evangélicos neopentecostais, a despeito dessa revolução silenciosa que vem levando a cabo na sociedade brasileira, não tem uma visão, um projeto, nem um diagnóstico relativamente confuso a respeito dos problemas do Brasil. Eles têm uma agenda, uma pauta, que a meu juízo é muito alvissareira e importante, que é a valorização da família e do trabalho, uma ética da autoconstrução individual. Isso tudo é muito positivo dos evangélicos. Mas o que é negativo é justamente que eles não têm uma visão de como instrumentalizar esses ideais na sociedade brasileira, como transformar a sociedade brasileira para que ela seja uma sociedade de valorização da família e de valorização do trabalho. Um projeto moral e um projeto econômico. Eles não têm isso.

O professor Tulio perguntou, muito corretamente, concordando com essa asserção, mas diz o seguinte, quem é que tem hoje no Brasil um projeto nacional? Como você, corretamente diz, os evangélicos não têm. Eu concordo com o professor Tulio, um dos problemas principais do Brasil, hoje, na minha avaliação, a despeito do problema da desigualdade, da miséria, da corrupção - todos esses são problemas reais, graves, que nós temos - é uma espécie de rebaixamento de expectativas nacionais. O professor Kahn fez referência que em outros momentos históricos nós tivemos no Brasil contraditórios, problemáticos e tal, mas nós tivemos projetos nacionais. Eu disse isso, também, na palestra. Foi assim com o período de **Getúlio Vargas**, o trabalhismo histórico brasileiro, de 1930 a 1964, e foi também, a despeito das críticas que devemos fazer ao regime militar, com a legislatura militar, mas ali também tinha um projeto de nação. Mas na Nova República nós perdemos isso. Temos algumas políticas exitosas, mas políticas setoriais, desconectadas de um proje-

to que seja capaz, inclusive, de potencializar esses avanços parciais que tivemos, por exemplo, no campo da educação.

O Brasil experimentou nos governos **Fernando Henrique Cardoso** e nos governos do PT, até no governo de **Michel Temer**, alguns avanços na área educacional que não são desprezíveis, especialmente no sentido da universalização do acesso ao sistema educacional. E uma incipiente construção de um sistema nacional de educação. Mas nós não fomos capazes, desgraçadamente, de melhorar a qualidade da educação brasileira. Todo ano que tem aquelas provas internacionais, aquele negócio todo, é vexame atrás de vexame. A educação brasileira não capacita a maioria dos jovens brasileiros para o mercado de trabalho e para a cidadania.

Então, temos um grave problema, que a meu juízo só pode ser resolvido no bojo de um projeto nacional de desenvolvimento, uma reorientação do País. E, para isso, é necessário que nós enfrentemos dois problemas graves, a meu juízo, do ponto

de vista institucional, que estão na base, que são o fundo causal da desigualdade, da pobreza, da miséria, da falta de recursos para a saúde, da falta de recursos para a educação, falta de recursos para a Previdência Social, que é o problema do rentismo e do corporativismo. Eu gosto sempre de falar isso para os meus alunos porque sai da abstração conceitual. O problema do rentismo e o problema do corporativismo são vinculados ao Tesouro Nacional. O que é o Tesouro? É onde está todo o dinheiro que o Estado brasileiro arrecada. E depois é como ele é gasto.

Nós temos uma quantidade enorme de recursos gastos com juros e serviço da dívida interna. Cinco mil famílias brasileiras ganham uma espécie de bolsa riqueza no Brasil. Isso não pode ser naturalizado, isso não pode ser normalizado. E funcionário público. Nós temos uma série de carreiras, especialmente ligadas ao Judiciário, que drenam uma parte incrível dos recursos. E as aposentadorias de militares? Isso é um absurdo. Não têm recurso para





a saúde, não têm recurso para a educação porque vão para esses lugares, vão para o bolso dos ricos por meio do rentismo e para o bolso de funcionário público, que inclusive presta péssimos serviços. A Justiça brasileira é uma das piores do mundo. É uma das mais caras e uma das piores do mundo. Essa é a agenda que nós deveríamos estar discutindo publicamente no Brasil. E o identitário está pensando em discutir questões absolutamente secundárias e, comparadas a essa, desimportantes.

Então, respondendo ao professor Kahn, finalizando, eu diria que o problema principal é a incapacidade que as nossas elites têm tido, na Nova República, de pensar abrangentemente um projeto de desenvolvimento para o País. Nós não temos tido uma agenda abrangente que ligue, que conecte todas as áreas, setorialmente falando, numa grande alavanca, numa grande correnteza de aproveitamento dos recursos do Brasil.

Isso, em parte, tem a ver com uma característica do Brasil, que acaba, na minha leitura da Nova República, sendo um problema. Poderia ser uma solução, mas é um problema. Que é a abundância de recursos naturais. A grande verdade é que esse modelo socioeconômico, institucional socioeconômico, da Nova República, é um modelo baseado no extrativismo. O minério de ferro, a soja, pagam a conta do consumo urbano. Mas sem casar a natureza com a inteligência, com a ciência, com a tecnologia. Que é o que a China faz, por exemplo. É o que os Estados Unidos fizeram historicamente. Um projeto que aproveite os recursos naturais não no seu sentido primário, mas sim no sentido do casamento com a inteligência, com a ciência, com a tecnologia. Agregar valor a esses processos econômicos. Isso tem faltado ao Brasil.

**Rubens Figueiredo** - Em uma dessas questões identitárias a gente fala que as mulheres seriam minoria. Primeiro que não são minoria - nem do pon-

to de vista quantitativo são mais. E se a gente qualificar, as mulheres com mais de 25 anos são bem mais escolarizadas que os homens, segundo esse último IBGE. Elas já são maioria nas áreas de Medicina e Direito, que seriam aí, vamos dizer, duas áreas bastante nobres da nossa vida profissional. E esse radicalismo joga metade de uma sociedade contra a outra. Você não acha que falta uma liderança... porque você tem 300 lideranças feministas, mas não tem uma referência que fale com bom senso pelo lado masculino. Você não vê um total desequilíbrio nessa diferença?

**Carlos Sávio** - Perfeito, Rubens. Acho muito apropriado esse seu comentário. Vou ilustrar também, com a dramaticidade do que você falou, que é o contraste entre os impressionantes avanços que as mulheres experimentaram na sociedade brasileira e na sociedade contemporânea de maneira geral. Saudável. Nas universidades elas são maioria nas graduações já há um bom tempo. Mas eu gosto sempre de ilustrar isso a partir de uma experiência que todos nós temos. A vida da minha avó, querida avó, a vida da minha mãe, a vida da minha esposa e a vida da minha filha são radicalmente diferentes em termos de expectativas, de aspirações e realidade. O que minha avó experimentou é completamente diferente já do que minha mãe experimentou. Minha mãe votava aqui no Rio de Janeiro, num senador chamado **Nelson Carneiro**, porque ele foi o senador do divórcio, nos anos 1970. Minha mãe se divorciou do meu pai e casou novamente... É um conjunto de aberturas. E a minha esposa hoje tem uma vida diferente, em todos os aspectos - econômico, moral, cultural, social -, da minha mãe. E minha filha, que tem nove anos de idade, já está tendo um conjunto de experiências na vida brasileira muito diferente da minha esposa. E o discurso feminista identitário é como se isso que a gente está falando não existisse, como se isso fosse uma ficção, que as



mulheres são um bloco, unitariamente humilhadas, esmagadas. É um negócio completamente desviado, é virar as costas para a realidade. Não estou dizendo que não tem machismo, não estou dizendo que com todos esses avanços as mulheres não enfrentam problemas, É claro que enfrentam problemas, como nós, homens, também enfrentamos uma série de problemas. A questão é olhar para isso de forma realista, primeiro reconhecendo os avanços enormes que tivemos, benditos avanços. Porque a diversidade realmente é uma coisa proveitosa institucionalmente, ter variedade de pessoas, variedade de personalidade, variedade de pensamento no mesmo espaço é um ganho, isso não é um problema. A participação da mulher na vida pública brasileira é algo altamente positivo e alvissareiro, mas ao mesmo tempo temos de ser capazes de reconhecer esses avanços e os efeitos deles, como os que

você fez menção em uma série de outras áreas.

Nas artes, a centralidade das telenovelas no Brasil... Em uma série de domínios da vida nacional a participação e a posição da mulher são iguais, quando não superiores às dos homens. E esse movimento identitário feminista não reconhece nada disso. Então, do ponto de vista intelectual é uma fraude e do ponto de vista político, uma coisa altamente negativa porque acaba não aproveitando essas experiências exitosas, essas experiências vitoriosas para ensinar mais avanços. Porque é necessário, especialmente nas camadas mais populares, ter mais avanços que atinjam as mulheres, porque elas ainda são vítimas de problemas. Ali sim, nesse universo, tem problemas, como, por exemplo, a violência doméstica, que vem sendo... a legislação brasileira é uma das legislações mais avançadas no combate à violência doméstica.



foto: Patrício Hurtado\_Pixabay

O discurso identitário feminista é como se nada disso acontecesse. É como se o Talibã governasse culturalmente o Brasil, é um negócio completamente doido. Então, essa é a minha avaliação.

**Sérgio Rondino** - Professor, esse tema é tão polêmico quanto apaixonante, daria para a gente ficar aqui horas conversando sobre ele, mas o tempo é implacável. Então, eu queria encerrar o programa por aqui, deixando um espaço para o seu recado final para os nossos espectadores.

**Carlos Sávio** - Eu queria primeiro agradecer ao convite para conversar com vocês e parabenizá-los por esse espaço, o nome do programa é Espaço Democrático. Não há solução para os problemas políticos que nós vivemos no Brasil hoje - a polarização, tudo isso - sem política. O recado é esse, não há alternativa que substitua a política.

E política é diálogo, é contraposição de ideias, é pluralidade. Eu não quero cancelar os identitários, entendeu? Eu quero só ter uma discussão aberta, clara, franca com os identitários e com todos os outros grupos intelectuais e políticos. Então, a mensagem é essa, a mensagem é de insistirmos no debate democrático, no debate plural e qualificado de ideias e argumentos. O argumento é que é o mais importante e não a laceração moral. Apontar dedo, acusar, isso não vai fazer o Brasil avançar em nenhuma área.

**Sérgio Rondino** - Muito obrigado, Carlos Sávio, pela gentileza de nos atender aqui. Agradeço também ao Rogério, ao Rubens, ao Tulio e à Ivani pela gentileza de participar aqui desta nossa conversa. E agradeço a todos que acompanham esse programa na página do Espaço Democrático no Youtube. Até o próximo *Diálogo no Espaço Democrático*.



<p>Presidente <b>Alfredo Cotait Neto</b></p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política <b>Raimundo Colombo</b></p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais <b>Vilmar Rocha</b></p> <p>Secretária <b>Ivani Boscolo</b></p> <p>Diretor Superintendente <b>João Francisco Aprá</b></p>	<p><b>Conselho Consultivo</b></p> <p>Presidente <b>Guilherme Afif Domingos</b></p> <p>Conselheiros <b>Alda Marco Antonio</b> <b>André de Paula</b> <b>Cláudio Lembo</b> <b>Omar Aziz</b> <b>Otto Alencar</b> <b>Rafael Greca</b> <b>Ricardo Patah</b></p>	<p><b>Conselho Superior de Orientação</b></p> <p>Presidente <b>Gilberto Kassab</b></p> <p>Conselheiros <b>Antonio Brito</b> <b>Carlos Massa Ratinho Junior</b> <b>Eduardo Braide</b> <b>Eduardo Paes</b> <b>Fuad Noman</b> <b>Guilherme Campos</b> <b>Letícia Boll Vargas</b> <b>Rodrigo Pacheco</b> <b>Samuel Hanan</b> <b>Topazio Silveira Neto</b></p>
---	---	---

**diálogos no espaço democrático** - Coleção 2024 - MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS  
**ESPAÇO DEMOCRÁTICO** - Site: [www.espacodemocratico.org.br](http://www.espacodemocratico.org.br) Facebook: [EspacoDemocraticoPSD](https://www.facebook.com/EspacoDemocraticoPSD) Twitter: [@espdemocratico](https://twitter.com/espdemocratico)  
 Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)  
 Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum com Shutterstock



**[www.espacodemocratico.org.br](http://www.espacodemocratico.org.br)**